

# Investimento produtivo consistente, só em 2004

**Empresários têm intenção de investir, mas é preciso 'solidificar o ambiente de confiança'**

NILSON BRANDÃO JÚNIOR

**R**IO – A retomada consistente dos investimentos produtivos ficou para o ano que vem. Incertezas quanto à inflação, a oscilação do dólar, juros altos e o ajuste fiscal estão empurrando para o segundo semestre a maturação da decisão de novos empreendimentos, segundo economistas e executivos. O Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), por exemplo, prevê um crescimento real do investimento este ano de 1,4%. Para 2004, a taxa supera em três vezes e meia a deste ano e projeta aumento de 5%.

“A decisão de retomar investimentos já é mais para o ano que vem. Para este ano não dá mais. As coisas não estão bem resolvidas no segundo trimestre, ainda”, avalia o coordenador de análises econômicas da Fundação Getúlio Vargas (FGV), Salomão Quadros.

**Para este ano não dá mais. As coisas não estão bem definidas no segundo trimestre, ainda**

Salomão Quadros, da FGV

O coordenador diz que as sondagens realizadas com empresários demonstram intenções de investir, mas havia expectativa de que o quadro geral melhoraria “mais rapidamente”. Segundo ele, o empresariado não mudou de ideia. “A questão é quando isso vai ser mais viável”, pondera.

O coordenador de Política Econômica da Confederação Nacional da Indústria (CNI), Flávio Castelo Branco, aponta que ainda será preciso “solidificar o ambiente de confiança”, o que ocorrerá ao longo do segundo semestre, para permitir a tomada de decisões de investimentos.

“O ano de 2004 pode ter um crescimento de investimentos de forma mais generalizada, num início de novo ciclo de investimentos”, afirma. Para tanto, destaca a necessidade de in-

flação em queda, reformas progredindo e recuo do risco país.

O economista da CNI analisa que a inflação, neste momento, funciona como uma espécie de fiel da balança. “Se está em baixa, pode-se prescindir do controle via política monetária, que derruba a demanda e turva o ambiente”, diz Castelo Branco. Hoje, na sua avaliação, a demanda está “claudicante”, a atividade não avança o suficiente, a inflação corrói parte da renda e o emprego está estagnado. O economista explica que não existe data marcada para a retomada dos investimentos.

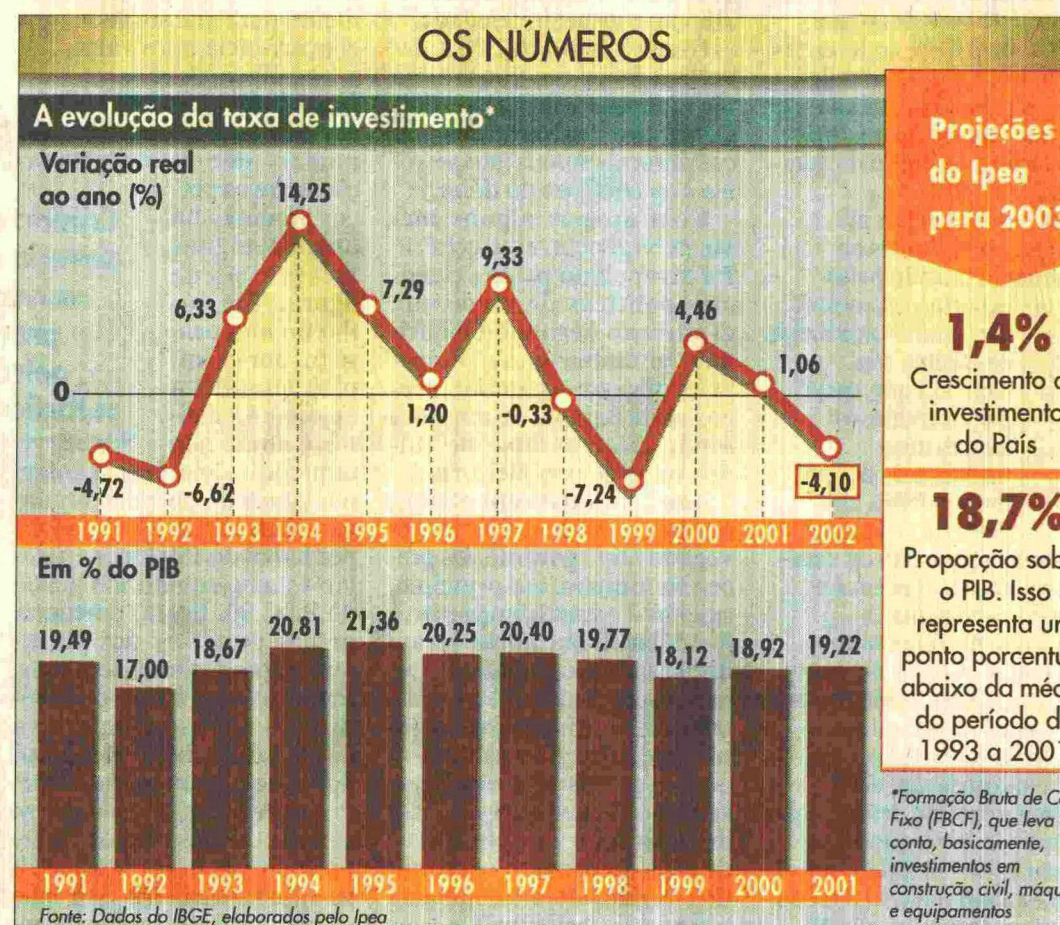
Alguns já começaram agora, mas não num processo amplo, diz.

Os casos da Companhia Siderúrgica de Tubarão (CST) e do Grupo Mahle demonstram a diferença de momentos. A siderúrgica decidiu, este mês, investir US\$ 600 milhões na construção do terceiro alto-forno, que elevará a capacidade de produção de placas de aço em 50%.

Informa que até o fim de dezembro os contratos para o empreendimento estarão assinados e que as obras começarão em 2004. A empresa é basicamente exportadora e vem operando no limite da capacidade instalada, como o restante do setor siderúrgico.

Com oito fábricas no País, o Grupo Mahle Brasil de autopeças está com uma “reserva de capacidade bastante razoável” e não tem previsão de investir para aumentar a produção, conta o diretor de relações com investidores, Axel Brod. O executivo diz que o setor surpreendeu favoravelmente no início do ano, mas, “infelizmente”, a empresa detectou “um certo esfriamento” no mercado local. Brod resume que o desaquecimento está ligado ao elevado nível dos juros, que encarece o financiamento para compra de carros e reduz as compras.

**‘Bem dosada’** – O coordenador da FGV confirma que a demanda do consumidor e de



investimentos está deprimida. E argumenta que, com alguns meses de reduções da taxa Selic de juros, pode mudar o sinal e expandir tanto o consumo quanto o uso da capacidade de setores industriais. Quadros pondera, entretanto, que a redução dos juros tem de ser “muito bem dosada” pelo risco de o avanço da demanda não ser acompanhado do crescimento da oferta, gerando inflação, aumentando importações e desequilibrando a balança de pagamentos do País.

Ainda na siderurgia, a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) mantém planos de expansão, em fase de estudos de viabilidade. O projeto será analisado e levado ao conselho de administração no segundo semestre. Já a Petrobrás revisou seu planejamento e agora prevê investir US\$ 7,2 bilhões este ano, abaixo dos US\$ 9 bilhões inicialmente orçados para este ano, em razão da conjuntura externa e interna.

Serão US\$ 34,3 bilhões até 2007. Alguns dos fatores considerados no ajuste foram a volatilidade cambial e dos preços internacionais, além das conjunturas internacional e do País.

**Câmbio** – A oscilação cambial acaba funcionando, segundo o coordenador da FGV, como inibidora do investimento. “Hoje existe especialmente para o exportador uma dúvida, que é a relação câmbio e inflação”, diz o presidente da Seara Alimentos, Julio Cardoso de Lucena. Uma das questões, explica o

executivo, é que a melhoria dos indicadores financeiros atraiu dinheiro de curto prazo, que pode deixar a economia a qualquer momento. “A pior coisa que há é trabalhar em certo nível de incerteza e o câmbio está se tornando um fator de incerteza”, diz o presidente da empresa, que investe hoje em produtividade e qualidade.

O coordenador do Grupo de Acompanhamento Conjuntu-

ral (GAC), Paulo Mansur Levy, reconhece que o quadro de ajuste fiscal, com taxas de juros elevadas, “tende a sacrificar os investimentos”. Mas pondera que alguns estímulos podem surgir ainda no segundo semestre. Um deles viria justamente com a rentabilidade gerada nas exportações e da necessidade de ampliação da capacidade de setores que vendem muito ao exterior. O outro decorre da sinalização de retomada de programas de habitação popular.

“Acho que o quadro continua positivo, principalmente do ponto de vista dos setores ligados ao comércio exterior e substituição de importações”, afirma Levy. Caso o investimento tenha crescimento real de 1,4% este ano, conforme projetado pelo Ipea, não compensaria a queda de 4,1% no ano passado. Para o cálculo, o instituto usa o indicador de Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF), que, na prática, representa os investimentos em construção, máquinas e equipamentos. A projeção de investimento para o ano que vem, de 5%, representaria um “crescimento bem mais consistente”, afirma Levy.

**INFLAÇÃO,  
JUROS E  
DÓLAR SÃO  
INCERTEZAS**